



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EXPERIÊNCIAS NO/DO COTIDIANO ESCOLAR: construção identitária de professores e estudantes da Educação Básica no Semiárido baiano

Vívia Santos Andrade (1)
Jeovângela de Matos Rosa Ribeiro (2)
Márcea Andrade Sales (3)

Rede Municipal de Ensino de Cansanção/BA. andradepedagogia@yahoo.com.br(1)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. jeovangelarosa@ifba.edu.br(2)
Universidade do Estado da Bahia. masales@uneb.br(3)

Resumo: Considerando a relevância do debate sobre a construção identitária docente e discente da Educação Básica, no contexto do Semiárido baiano, problematizaremos, aqui, o processo de construção identitária desses sujeitos, tendo em vista nossa inserção nesse território brasileiro. Discutiremos esse processo à luz de teóricos como Nóvoa (2009), Rios (2015), Sales (2009); e conceituamos a categoria de lugar inspiradas em Tuan (1983) - autores que consubstanciaram o nosso olhar nessa itinerância epistemológica. Nesse contexto, ressaltamos que a reflexão tecida acerca das experiências no contexto perpassa por inúmeros espaços e experiências que, ao longo do percurso, vão constituindo a pessoa que somos. Ao discutir a categoria lugar, situamos o leitor de onde falamos, geograficamente, enfatizando as peculiaridades do que nos constitui nesse território de identidade – Semiárido baiano -, ultrapassando o conceito de território geográfico e caminhando para além disso. Apontamos, então, a diversidade da conotação de significados na construção da referência identitária de lugar. A escrita está ancorada em duas pesquisas de mestrado (em andamento) nas quais realizamos o movimento de pensar a constituição da identidade docente e discente; para nós, um entrelaçamento dos fios que nos inquieta refletir sobre como acontece o procedimento em que vamos, cotidianamente, forjando nossa identidade – pessoal e profissional -, envolvendo experiências individuais, coletivas e colaborativas.

Palavras – Chave: Identidade Docente, Identidade Discente, Semiárido baiano, Educação Básica.

Introdução

Caminhar pela Educação Básica nos possibilita perceber a diversidade que permeia espaços escolares públicos, destinados a receber todos àqueles que a eles têm direito garantido por Lei à Educação. Esse movimento nos é muito caro - exercer a docência nesses espaços permite avançar na construção de significados de extrema relevância para nossa formação profissional e pessoal.

Pensar a formação docente no que concerne a constituição de sua identidade é uma perspectiva mais recente se considerarmos a trajetória de investigação de cunho científico. Apenas na década de 80 do século passado é que se registra o início desses estudos na perspectiva da formação docente, em que o olhar se volta à trajetória de vida, o que desemboca no cerne da questão identitária. Para além de discutir a identidade docente, nos propomos, também, realizar um sobrevoo sobre a construção da identidade discente. Para tanto, traçamos como objeto desse texto o processo de construção identitária dos professores e estudantes da Educação Básica.



Para adentrarmos na perspectiva educacional, realizaremos um breve esboço do que chamaremos de lugar para, a partir de então, discutirmos a educação contextualizada no Semiárido baiano. Assim, partiremos da premissa de delinear algumas reflexões acerca do processo de construção identitária docente e discente dentro das experiências vivenciadas nos espaços escolares.

Caminhos Metodológicos

Compreendemos metodologia como a organização de um mapa que orienta/orientará a nossa caminhada nas encruzilhadas do conhecimento. No conceito encontrado em Houaiss (2004, p.494), “é um conjunto de métodos, princípios e regras empregados por uma atividade ou disciplina”. Sendo assim, a metodologia torna-se a possibilidade de caminhar pelas veredas do saber, guiado por um objeto de pesquisa ou investigação que nos inquieta e fomenta o processo da pesquisa, possibilitando descortinar a realidade vivenciada por todos, sujeitos da trama e da história cotidiana.

Este artigo traz um recorte das nossas pesquisas (em andamento) no Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV/Jacobina-BA, no qual fazemos um delineamento acerca das discussões sobre identidade docente e discente na Educação Básica. Por se tratar de pesquisas direcionadas ao campo educacional, compreendemos a relevância em caminhar pelas veredas da pesquisa qualitativa por acreditar que seja a mais apropriada para o que estamos nos propondo a fazer.

A pesquisa de cunho qualitativo possibilita ao pesquisador aproximar-se da subjetividade humana no intuito de compreendê-la e estabelecer diálogos. Para Creswell (2010, p. 26) “A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. [...]”. Nessa perspectiva, optamos por trabalhar com o método (auto) biográfico (NÓVOA, 2010) e a pesquisa participante (ESTEBAN, 2010).

Nesse pressuposto, as intenções são de caminhar pela fenomenologia (CRESWELL, 2010) e fenomenologia - hermenêutica (MACEDO, 2000). As escolhas pelos dispositivos para as pesquisas giram em torno das narrativas (auto) biográficas (SOUZA 2006), do Ateliê biográfico inspirada em Delory-Momberger (2012), do memorial formação (PASSEGGI, 2010; SALES, 2009), do grupo focal (GONDIM, 2003) e por fim, da entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 2009).



Em sua atual fase (ainda em andamento) não temos resultados conclusivos dessas pesquisas. Contudo, a partir das leituras realizadas, até aqui, puxamos alguns fios para a construção dos objetos em tela – fios estes que aparecem ao longo da discussão, nesse texto.

O lugar de onde falamos

Lugar é uma referência que nos marca intimamente, e tem, aqui, conotação territorial para além das demarcações regionais. É um mundo de símbolos organizado por nós mesmos, algo que nos constitui. Ao pensar em identidade, de imediato nos remetemos ao lugar - lugar de onde falamos e no qual nos reconhecemos como sujeitos produtores de saberes, subjetividade e significados. Assim, “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.” (TUAN, 1983, p. 151)

É desse lugar – Semiárido baiano -, repleto de significado e intrínseco ao que somos, que situamos, então, nossa discussão acerca da perspectiva de construção da identidade docente e discente, perpassando pelo contexto no qual estamos inseridas – educação da rede pública de ensino municipal e federal. O exercício da docência na região Semiárida baiana torna a labuta singular por ser um lugar de resistência e muitas lutas que nos movimenta no exercício da profissão na Educação Básica - um lugar que constitui nossa identidade cultural, social e, acima de tudo, humana.

Nesses lugares – Educação Básica e Semiárido baiano – vimos constituindo nossas identidades docentes e acompanhando o processo da constituição da identidade dos nossos discentes. Em outras palavras, vimos acompanhando os *deslocamentos identitários* (HALL, 2015) que nossos estudantes passam ao trazer para a comunidade educativa suas particularidades sociais, culturais e econômicas.

Ser professora em cidades do Semiárido baiano, muitas vezes encontra-se atrelada aos ranços do contexto histórico do interior, dos coronéis, da *casa grande*, da obediência, da labuta em busca da sobrevivência no Sertão... Essas questões também levantam discussões para a diversidade cultural existente nos espaços escolares; para conhecer o educando, suas histórias de vida, sua forma de pensar e agir, suas identidades; e entender o processo do deslocamento dessas identidades na unidade escolar, constitui um desafio para a educação na atualidade, entendendo a escola como um lugar de pertencimento para esse público. Para Gatti (2015, p. 26) “[...] sem a Educação Básica, os indivíduos historicamente existentes são seres culturalmente incompletos [...]”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O Semiárido baiano é o nosso ponto de partida e chegada de onde trazemos nossas perspectivas de construção e entrelaçamento de identidades, atravessando, assim, o contexto educacional. Um lugar do qual nossas vozes polifônicas são emitidas porque,

[...] “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. (TUAN, 1983, p. 203)

É nessa *mistura singular* que se entrelaça a nossa condição humana constituída de subjetividade, linguagem e símbolos; que emergem fios responsáveis pela costura dos pontos que vão tecer o nosso ser, registrando, aí, nossas experiências.

Ser professora no Sertão Baiano

Aprendemos desde cedo a ser fortes e perseverantes naquilo que desejamos; a não esmorecer com as dificuldades e desafios a serem enfrentados ao longo da vida. Mesmo assim, quando adentramos no campo educacional como professoras, não tínhamos dimensão das dificuldades a serem enfrentadas ao longo da caminhada. Inúmeros confrontos e enfrentamentos foram necessários para continuarmos no percurso que tínhamos escolhido seguir. Contudo, ao rememorarmos as experiências vivenciadas em nossa trajetória docente, percebemos o quanto as dificuldades foram importantes para o processo de constituição e formação das professoras em que nos tornamos. Sales (2009, p. 48) nos inspira nessa reflexão,

Somos as histórias das nossas invenções, Nossos corpos não terminam na pele: sempre animamos as máquinas, dando-lhes gestos e ações. Cabe-nos, assim, formular nossas questões para além do que somos, mais do que somos capazes de fazer, inclusive com o que somos.

Ao puxar esses fios da memória, evocamos algumas experiências que, ao serem trazidas para o campo da reflexão, são percebidas como elementos intrínsecos à nossa constituição identitária. A começar pelo sentimento de pertencimento do lugar ao qual estamos inseridas, perpassando pelas vivências no contexto social, com a cultura singular da comunidade e dos grupos ao qual pertencemos, os fatores religiosos, políticos entre outros. É o olhar ontológico da singularidade, ou melhor, das particularidades do lugar e das pessoas com quem convivemos que os fios vão emergindo e sendo tecidos no tear da experiência. Para Rios (2015, p. 37),

A formação do(a) professor(a) passa pelo lugar de produção da pessoa, pelos diferentes movimentos constitutivos de suas identidades. Dizer quem é, quais foram seus processos de formação e suas experiências de formação são ações presentes nas diversas histórias de vida dos(as) docentes.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Partindo dessa perspectiva, assumimos a discussão sobre construção identitária, compreendendo que, esta, vai se constituindo ao longo do exercício da docência, no entrelaçar das experiências vividas, no desenvolvimento das atividades dentro e fora do espaço escolar. Tais experiências são particularmente singulares para quem as vive, produzindo sentidos específicos para cada um, ou seja, cada experiência que toca o sujeito que a vive é sentida de maneira única, particular, não sendo possível ser compreendida da mesma maneira por todos os que a experimentaram. Bomdía (2002, p. 27) diz que,

[...] Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.

Assumimos, então, que a experiência está diretamente vinculada ao processo de construção identitário docente; pois são as vivências ocorridas nos diversos espaços e com os nossos pares, que se convertem em experiências. Desse modo, percebemos que as vivências, sentidas e refletidas, se transformam em experiências, que por sua vez, vão se entretecendo no tear da vida, enredando os fios no processo cotidiano de construção identitária (JOSSO, 2004).

A identidade docente nas três últimas décadas se encontra no centro das discussões sobre o professor e sua formação, permeando os conceitos acerca de suas especificidades, na qual considera a trajetória de vida e formação desse profissional, bem como, os aspectos intrínsecos às suas experiências. Desse modo, volta “o olhar preferencialmente para a ligação entre as dimensões pessoais e profissionais na produção identitária dos professores” (NÓVOA, 2009, p. 29).

Diante disso, percebemos que problematizar a formação docente na perspectiva da sua trajetória de vida, trazendo para o centro da ciranda as suas experiências, principalmente, junto aos discentes, é um dos caminhos de reconhecimento e visibilidade da importância de considerar a subjetividade humana, intrínseca à pessoa do professor, em todo o seu processo formativo.

Trazar essa discussão para dentro das escolas na Educação Básica é o começo de um grande movimento, revolucionário inclusive, de investigação acerca da formação docente pela perspectiva de construção identitária. Ouvir o que os professores da Educação Básica têm a contar de si, de suas experiências, compreender os significados que eles atribuem a toda a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

itinerância formativa, pode ser o começo para uma *grande viragem* (NÓVOA, 2009) na educação do nosso país.

Mediante a esse movimento de visibilidade da pessoa do professor, está a organização da Educação Básica. Nós que estamos inseridos nessa itinerância, nos deparamos com um formato de educação que ainda não abarca as premissas sociais, culturais, econômicas e políticas concernentes ao nosso lugar de reconhecimento.

Os fios que se entrelaçam

Como professoras da Educação Básica, as vivências no cotidiano escolar, possibilitam que as nossas experiências sejam construídas na relação direta com os discentes, no contato com os universos culturais heterogênicos existentes no *chão da escola*¹. Essa realidade contribui para o movimento de construção da identidade tanto docente, quanto discente; esses fios que se entrelaçam nessas vivências nos têm revelado momentos ricos de trocas de saberes, pois a educação é via de mão dupla, consubstanciando desse modo, essas vivências em experiências.

Esse movimento de incertezas e de lutas, ao mesmo tempo, requer da gente, o fomento à liberdade de ideias e a construção autônoma de um ser histórico que traz imbuído em sua subjetividade os aspectos socioeconômicos e socioculturais.

A democratização do acesso à educação pública no Brasil trouxe para dentro dos espaços escolares uma população de crianças e jovens que tinha, até então, esse direito negado. A ampliação do número de estudantes emergiu na escola uma realidade composta por diferentes identidades, variados saberes e forma de enxergar o mundo, o que fez emergir uma diversidade cultural nos entremuros da escola. Essa realidade é percebida, também, nas escolas do Semiárido baiano.

Os diversos contextos socioculturais e econômicos existentes nas escolas nordestinas englobam ricas experiências de vida de estudantes oriundos do campo e da cidade, o que reporta para várias visões pessoais do mundo em que vivemos. Dentro da diversidade cultural, a singularidade de cada ser é valorizada. Nesse contexto, Laraia (2001, p.36) nos diz que,

(...) o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são,

¹ Utilizamos esse termo para expressar nossa relação direta com a realidade da escola e nossa ligação com o cotidiano escolar estabelecida pela docência.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

assim, produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

A escola reconhecida como palco de interação cultural; através da troca de experiências, tem o papel de promotora de valorização do outro, e é reconhecida por McLaren (2000) como uma tecnologia que *impulsiona a mudança na sociedade*, através da pluralidade cultural. Nessa perspectiva, as escolas do Semiárido baiano são um dos fios importantes no processo de construção da identidade do estudante.

É na convivência com o outro na escola, que os estudantes vivenciam situações em que se tornam significativas para ele enquanto sujeito aprendente. Nessa ciranda de construção de saberes dentro dos muros da escola que tanto nós, professores, quanto os estudantes vão construindo o seus símbolos, o seu imaginário, ampliando o olhar sobre si mesmo enquanto sujeito que aprende, individual e coletivamente.

Nessa realidade, carecemos de movimento de resistência que se fortaleça na caminhada com a educação como processo voltado para a convivência com o Semiárido, para a construção de um ser humano autônomo e capaz de conviver com as especificidades típicas regionais, e no contexto em que vive. A escola deve atribuir um contexto que promova o diálogo crítico, capaz de proporcionar a autonomia ao estudante.

A educação, tecida na relação entre professor e estudante, dentro e fora dos espaços escolares, colabora, significativamente, para o processo de subjetivação, além de ampliar as redes das vivências que serão, posteriormente, refletidas como experiências presentes no processo de construção identitário de ambos.

Esse movimento de interação é importante para o fortalecimento dessas identidades – docente e discente -, que estão sempre em construção através das experiências que vão sendo adquiridas. Assim, concordamos com Santos (2008, p.135) para quem “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Identidades são, pois, identificações em curso”.

Dessa forma, entendemos que estamos sempre em construção e que as nossas experiências vão influenciar nas nossas visões de mundo. Quando nos relacionamos com os nossos estudantes, conhecendo a existência social, cultural e política de cada um/a, vamos nesse processo nos constituindo; ao compreender as especificidades dos estudantes que convivem conosco, cotidianamente, nos espaços escolares e conhecermos sua comunidade, passamos a conhecer os signos que não faziam parte da nossa existência. Conhecendo suas realidades, vamos nos construindo nessa itinerância como pessoa e como professoras; bem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como, os estudantes simultaneamente, tecem os fios que os constituem como sujeitos imbuídos de subjetividades.

Esse processo de troca de experiências é o que enriquece a construção da identidade social da escola, além da construção da identidade pessoal do professor e do estudante. A experiência pessoal é acrescida substancialmente pela contribuição do outro. Nesse processo de construção, Binja (2015, p.53-54), nos diz que,

[...] identidade refere-se ao conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais o agente pode diferenciar de outros agentes, por outro ela também consiste na soma nunca concluída de um aglomerado de signos, referências e influências que definem o entendimento relacional do agente, percebida geralmente por contraste, vale dizer, pela diferença. A identidade está sempre relacionada com a noção do outro e dos compromissos e identificação do agente humano.

A relação com o outro é o elemento constitutivo das experiências pessoais; nesse movimento de interação se dá o contato entre o professor e o estudante através do processo educativo existente no ambiente escolar. Esse diálogo, realizado através de uma troca de respeito mútuo, valorizando o outro como um complemento importante para a construção do saber, nutre uma riqueza indiscutível no processo pessoal de construção do ser. Dessa forma, conhecer quem é o estudante da Educação Básica, suas formas de ser e pensar o mundo, ou seja, sua identidade, é um passo importante para a interação entre os docentes e discentes.

É nesse sentido de valorização da experiência, enquanto fios que se enredam na construção dos sujeitos, que apontamos a relevância dessas experiências tecidas no espaço escolar da Educação Básica, no qual se considere a realidade em que estamos todos inseridos, que possamos, enquanto professoras, contribuir para o desenvolvimento, colaborativamente, redes que tecam os fios que emergem, cotidianamente, na relação entre sujeitos aprendentes.

Conclusões - Tessituras da Identidade

Ao debruçarmo-nos na escrita desse texto, laçamos mão de refletir sobre nossas experiências vivenciadas no contexto educacional ao qual estamos inseridas, provocando um reboliço nas ideias organizadas em nosso imaginário.

Pensar sobre a constituição identitária na perspectiva da experiência toma uma dimensão ampla e impossível de comunicar por completo, uma vez que a experiência é única e intransferível. Contudo, compreendemos que a partir das reflexões acerca das vivências no espaço escolar e fora dele, vamos, enquanto sujeitos aprendentes, construindo a nossa identidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A identidade docente vai sendo construída através da interligação da construção identitária do discente, ou seja, a identidade pessoal do professor é influenciada diretamente pela identidade pessoal do estudante ao qual o educador tem relação. No cotidiano escolar as relações entre os professores e estudantes proporcionam um processo dinâmico, movimento que dentro de suas peculiaridades vai delineando a identidade social da escola. Partindo do pressuposto de que a identidade não é algo pronto, acabado e/ou cristalizado, que se encontra em permanente processo de construção, entendemos que a nossa itinerância na Educação Básica, vai desenhando esse processo gradativamente e de maneira ininterrupta. Desse modo, assim como a nossa identidade vai se tecendo nesse movimento, a discente, também inserida nesses percursos, vai sendo forjada no calor da convivência consigo mesmo e com o outro.

Provocar essa discussão fomenta, em nós, o desejo de ampliar o olhar caleidoscópico para o contexto em que estamos inseridas. Ser sertanejas, reconhecer as possibilidades de convivência nesse espaço de resistência e luta reforça o empenho em continuar na caminhada para o fortalecimento da educação, nos impelindo a pensar sobre as especificidades desses lugares que diz muito de nós mesmos – a Educação Básica e o Sertão baiano.

Referências

BINJA, Elias. **Multiculturalismo**: a identidade do sujeito nas tensões sociais contemporâneas em Charles Taylor. São Paulo: LiberArs, 2015.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acessado em: 10/02/2016

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DELORY – MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em: 20.05.2016

GATTI, Bernadete Angelina. Políticas educacionais e educação básica: desafios para as práticas e formação docente. In: RIOS, Jane Adriana Pacheco (org.). **Políticas, práticas e formação na educação básica**. Salvador: EDUFBA, 2015

GONDIM, Maria Sônia Guedes. Grupos focais como técnicas de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Revista Paidéia**. UFBA, 2003, 12(24), 149-161.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2015.
HOUISS, Antonio. (org.) **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Educa: Lisboa, 2009.

_____, António; FINGER, Matthias (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re)conhecimento. *In*: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Profissão docente na roça**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SALES, Márcea Andrade. **Arquitetura do desejo de aprender**: autoria docente em debate. 2009. 154 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. *In*.: SOUZA, Elizeu Clementino. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.